

## **O imaginário urbano:** a cidade do Salvador no final do século XVIII

Paulo Roberto Baqueiro Brandão

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# O imaginário urbano: a cidade do Salvador no final do século XVIII

*Paulo Roberto Baqueiro Brandão<sup>1</sup>*

## Introdução

A percepção da cidade é algo instigante e, ao mesmo tempo, extremamente agradável, ainda que a paisagem possa nos parecer vulgar em excesso, como nos diz Lynch (1988). Tal percepção pode ocorrer de forma fragmentada, através de imagens que se materializam por fotografias, pinturas, pelo olhar, por reflexos que se formam nas superfícies espelhadas dos edifícios ou mesmo pelo viés do imaginário produzido pela literatura.

A análise do imaginário da cidade, o exercício da percepção espacial através de uma obra literária se faz como uma forma de perpetuação do lugar, posto que, segundo Pinheiro & Silva (2001) “a cena escrita da cidade permanece”. É possível, pois, decifrar a cidade lendo-se a sua história contada nos romances.

O presente estudo faz uma revisão da literatura como meio para a análise do espaço urbano, explorando a obra *Um Cavaleiro da Luz*, escrita por Borges (1999), romance histórico que tem como cenário Salvador

colonial em fins do século XVIII, período marcado por revoltas e conspirações, sendo esse inclusive o foco central da trama. O romance, marcante pela fidelidade histórica de fatos e personagens, reconstitui, no imaginário, uma cidade que, mesmo perdendo a condição de capital colonial em 1763, mantinha a opulência gerada pelo capital não só pelas suas funções portuária e comercial, mas também através da importação e tráfico de escravos e da economia agrária do Recôncavo Baiano.

### **Configuração socioespacial de Salvador no final do século XVIII**

Apesar de ter perdido a condição de capital da Colônia em 1763, a cidade do Salvador manteve-se como mais importante cidade brasileira e principal porto. O fluxo de navegações marítimas era intenso, proporcionando uma acelerada difusão de estabelecimentos comerciais, de proprietários, em sua maioria, de origem portuguesa, principalmente nas áreas próximas do porto, na Cidade Baixa.

Duas citações da obra de Borges nos dão conta da importância das funções portuária e, em segunda instância, comercial, adquiridas pela freguesia da Cidade Baixa, principalmente naquelas áreas próximas do cais de atracamento, por onde as mercadorias eram desembarcadas. O narrador observa o local de nascimento e residência de uma das personagens, Rodriguinho ou René Monguey, filho do comerciante e traficante de escravos portugueses Manoel Francisco, um abastado proprietário de estabelecimento, que tinha ainda a função residencial nos andares superiores, na freguesia da Praia:

Nascera em um sobrado, a menos de 50 metros da igreja de Na. Sa. da Conceição da Praia, em Salvador, Capitania da Bahia.

### Nas palavras da personagem Manuel Francisco:

– Sou comerciante de secos e molhados – omitiu o tráfico de escravos, sua atividade de maior crescimento. – Tenho uma casa comercial de frente para o mar, facilitando-me o recebimento de mercadorias que chegam do Recôncavo baiano e de fora.

Isso é confirmado por Santos (1959), segundo o qual a função portuária da cidade surge com a própria vida urbana local, sendo preponderante na realização das demais funções.

Por outro lado, durante o período, a cidade sofre poucas modificações na sua forma, apesar do contínuo crescimento, notadamente nas cumeadas, de forma linear, acompanhando o traçado das vias e caminhos, tendo o centro se consolidado como área principal. O crescimento da cidade, orientado inicialmente na direção norte, para além das Portas do Carmo – que, em 1780, foram demolidas por absoluta falta de funcionalidade –, ocorreu também em direção ao sul, forçando a demolição das Portas de São Bento entre os anos de 1788 e 1796. A cidade ia perdendo progressivamente seu caráter defensivo, ao passo que o seu crescimento determinava a abertura de novos espaços, principalmente para a moradia das classes mais favorecidas, demonstrando a crescente importância dos agentes econômicos locais e regionais. Em sua narrativa, Borges cita tal fenômeno:

Os ricos comerciantes, em sua quase totalidade portugueses, ou seus descendentes diretos, eram os maiores beneficiários locais dos lucros financeiros gerados pela economia colonial e escravista. Faltavam-lhes, entretanto, os privilégios político-sociais (...). Para mudar tal situação, os que moravam e tinham negócios na Rua da Praia começam a ostentar riqueza. Deixaram os seus desconfortáveis e calorentos sobrados e foram habitar em ricas residências na parte alta da cidade. No início a Rua de São Bento foi o local escolhido. Anos depois, novas e mais cuidadas construções começaram a aparecer em direção ao sítio da Barra.

A sociedade soteropolitana de então, que contava, segundo estimativas da época, com cerca de 52 mil habitantes em 1780 e 115 mil em 1818 (Vasconcelos, 1995), calcada no escravismo, apresentava características claras de segregação social e étnica. Apesar da crescente incorporação de mestiços na economia local, notadamente em estabelecimentos de prestação de serviços, como alfaiataria, barbearia e ourivesaria, os principais empreendimentos e a totalidade de cargos e títulos nobiliários estavam sob o domínio de indivíduos de famílias de origem portuguesa, como já se observou anteriormente. A localização das moradias da população mestiça e negra variava de acordo com o seu nível de inserção na economia local.

A população mestiça possuidora de estabelecimentos comerciais ou de prestação de serviços habitava no próprio local de trabalho, em cômodos internos ou nos andares superiores. Aqueles menos favorecidos, mestiços e negros, habitavam a periferia da cidade, tanto em direção ao norte, como nas áreas menos privilegiadas da Península Itapagipana, ou nas aglomerações localizadas nas proximidades da ermida de Monte Serrat, ou ainda em direção ao sul, na Gamboa, por exemplo. As adjacências do atual bairro do Pelourinho passavam, já nesse período, a abrigar população pobre, negros e mestiços. No primeiro caso, tomemos como exemplo o trecho abaixo, onde é citada a localização da residência do alfaiate João de Deus, um dos mártires da Revolução dos Alfaiates e personagem do romance:

Chovia a cântaros, quando Lucas entrou no café Saracura. Lá estava o alfaiate João de Deus, com tenda localizada na Rua Direita do Palácio, distante dali poucos passos.

E sobre o duplo uso do imóvel:

Quando Luíza atravessou a sala onde funcionava a alfaiataria, o mestre João de Deus percebeu o semblante carregado da mulher. Antes que ela entrasse para o interior da casa, o marido perguntou-lhe por que voltava zangada das compras.

Quanto àqueles mestiços menos favorecidos e negros que habitavam Salvador, os trechos seguintes nos dão uma noção da já mencionada segregação socioespacial e étnica. Sobre a localidade de residência da jovem negra Joaninha e a sua distância em relação ao centro, vejamos:

Filha única, órfã de mãe, Joaninha morava em uma choupana, na praia de Pedra Furada, com o pai, um pescador de nome Gil.

(Manuelzinho) Fora namorado de Joaninha, mas a distância que teria de percorrer a pé, do centro da cidade até Monte Serrat, fez com que ele desistisse do namoro.

Já o trecho abaixo, além da localização da residência de uma escrava, caracteriza a sua precariedade:

Já escurecera quando Cypriano foi procurado por um dos seus inúmeros compadres, que morava na Gamboa, pedindo-lhe para socorrer uma escrava às portas da morte. Ao chegar a uma cabana, coberta de palha, o cirurgião encontrou uma bela negra, inconsciente, com ferimentos espalhados por todo o corpo.

E ainda sobre as áreas adjacentes ao Pelourinho, é possível observar, nas citações abaixo, que essas já contavam com significativa população pauperizada, formada por negros e mestiços:

Reconheceu a voz do esmoler encontrado no cais do porto. Sorriu para o velhinho, enquanto verificava a sua pulsação.

- Onde moras, meu velho? – indagou, preocupado com a baixa pressão encontrada.

- Ali... na Baixa do Maci...el...

Descendente direto de escravos, Luiz Pires tornara-se lavrista, o que chamamos de ourives, ocupando uma pequena loja no Taboão. Morava em um quarto humilde, juntamente com a sua mãe, no fundo de um sobradinho nas portas do Carmo.

Aos escravos, por outro lado, era permitido viver nas habitações dos seus senhores, nos cômodos mais insalubres – geralmente nos andares superiores, o que lhes dificultava a fuga. Àqueles que contraíam doenças ou eram mutilados por força do trabalho, ou lhes sobrava a mendicância como meio de vida. As personagens Mentira-Seca e Estevam são exemplos dessa realidade.

Diante desse quadro de intensa segregação socioespacial e étnica, tornou-se crescente a insatisfação da população negra e mestiça de Salvador, o que favoreceu a organização de movimentos sociais urbanos, iniciando-se um período de rebeliões e fugas em série, que culminaram com a Revolução dos Alfaiates, sufocada violentamente em 1798. Tal fato é, aliás, o tema principal do romance histórico aqui analisado.

### **A dualidade entre “cidade alta” e “cidade baixa” e as áreas periféricas**

A dualidade entre as duas partes da cidade separadas pela escarpa de falha não era apenas física, mas refletia também uma outra dualidade, marcada pelas diferentes funções predominantes em cada uma dessas áreas de Salvador, no período analisado.

À chamada Cidade Baixa cabia exercer as predominantes funções portuária, comercial e, em menor escala, residencial daqueles proprietários de empreendimentos fixados no andar térreo dos grandes sobrados localizados ao longo das ruas que margeavam a orla da baía.

Havia, então, toda uma estrutura voltada para a atividade portuária, com trapiches, cais e oficina alfandegária, além dos imóveis comerciais estrategicamente localizados na Cidade Baixa, na Rua da Praia, com o intuito de facilitar o transporte de mercadorias desembarcadas nas proximidades. Observemos o seguinte trecho:

Às vezes, quando não estava carregando mercadorias ou a cadeira de arruar, um escravo, de nome Estevam, colocava o seu *Ioiozinho* no pescoço e saíam os dois margeando as águas da baía, até encontrarem o cais do Pedroso, do Ramos e das Amarras. Paravam na Praça do Comércio, tomando o caminho de volta entre as duas fileiras de sobrados da Rua Nova do Comércio e da Rua Nova das Princesas.

Na Cidade Alta, no centro da cidade, além da função residencial e de pequenos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, uma outra função de importância capital e que fora estabelecida desde a fundação de Salvador era a de caráter administrativo e religioso, com grande concentração de imóveis públicos no entorno da atual Praça Municipal e de igrejas nas áreas centrais. Borges nos revela a presença do poder oficial na área citada, no trecho que se segue, quando da busca de Manuel Francisco por seu filho seqüestrado:

Desesperado, Manuel Francisco saiu pela porta principal (do palácio do Governo), que dava para a praça. A Casa da Moeda, em frente, na esquina com a Rua da Misericórdia, estava totalmente fechada. A Casa do Senado da Câmara tinha uma sentinela conversando com dois escravos. Do lado do mar, à esquerda, a Casa dos Passos da Relação apresentava uma janela ainda aberta (...). O português passou em frente ao Corpo da Guarda Principal do Palácio, cumprimentou um sargento, e foi buscar um local onde pudesse ver o mar...

Segundo Santos (1959), a função administrativa foi responsável pelo enriquecimento da paisagem urbana de Salvador, graças às construções erguidas para tal função no seu sítio.

Quanto às construções de caráter religioso, dentre as mais freqüentadas e de maior importância ou dimensão, na área central da cidade, apenas a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia fora fixada na Cidade Baixa. As demais se estabeleceram na Cidade Alta, nas proximidades do centro do poder administrati-

vo local e na sua periferia, sendo inclusive um dos agentes da expansão urbana, como é o caso dos conventos que, em alguns casos, estando estabelecidos nas áreas mais distantes do centro, acabaram por motivar a ocupação de localidades como, por exemplo, o Desterro:

Os dois cavaleiros atravessaram a Rua da Vala, subiram a ladeira de Sant'Anna, vendo em frente a igreja do mesmo nome e, mais adiante, encontraram outro templo religioso, cercado de muros altos. Lembrando-se de uma descrição feita pelo mestre Joaquim, o jovem médico concluiu que estava ao lado do convento do Desterro.

Por outro lado, vale destacar que, as áreas de menor densidade populacional, mesmo aquelas não tão distantes do centro, eram palco de eventos extraordinários ou de caráter militar, desvinculados de qualquer caráter religioso, como se pode observar através da passagem em que Borges cita o local do enforcamento dos conjurados de agosto de 1798:

O último enforcamento acontecera, há anos, no Campo da Casa da Pólvora. Até mesmo a forca já não mais existia, (...). Para o enforcamento exemplar dos conjurados, que deveria ter grande repercussão, decidiu-se abandonar aquele local, substituindo-o pelo Campo de Nossa Senhora da Piedade, até então usado para treinamento militar.

É importante ressaltar ainda que, embora não fizesse parte da malha urbana da cidade durante o período analisado, localidades como Quinta das Beatas e Santo Amaro de Ipitanga (atual município de Lauro de Freitas) são citadas na obra, de modo a nos permitir a clara noção de que, apesar das distâncias e das dificuldades de acesso, havia uma rede de vias terrestres que as interligava à capital, possibilitando contato entre habitantes de áreas distintas.

## Conclusão

Dissecar uma obra literária para, através da mente do seu autor, formular um conjunto de idéias sobre o imaginário urbano do cenário narrado é tarefa que nos impõe um grato esforço, visto que é possível deparar-se com descrições e “realidades” únicas do lugar. Descrições e “realidades” que se destinam a contribuir com aqueles que pretendem desvendar a cidade real e imaginária.

A análise da obra *Um Cavaleiro da Luz* de Jafé Borges, um romance histórico sobre a Revolta dos Alfaiates, a partir do seu contexto socioespacial, permite-nos tecer algumas considerações acerca da realidade urbana da cidade do Salvador, em finais do século XVIII, muito em função do realismo e da riqueza de detalhes históricos e geográficos da narrativa do autor. Ao confrontar as passagens da obra com textos de caráter científico que tratam da cidade no período analisado, é possível perceber que houve, por parte do autor, um criterioso estudo do contexto soteropolitano da época, o que credita a obra como fonte segura para este trabalho.

A obra literária enfoca a cidade do Salvador, seu centro e áreas periféricas, de modo a denunciar uma realidade de intensa segregação socioespacial e racial, na medida em que, no seio da sociedade local, já havia, nesse período, distinções claras de moradia das populações ricas e pobres viventes na cidade. A área do atual Centro Histórico de Salvador, notadamente o Pelourinho, é citada na obra a partir de trecho que demonstra um início de decadência e degradação, pela ocupação do espaço por segmentos sociais pauperizados. Nos espaços de ocupação mais recente, no sul, na freguesia da Vitória, concentravam-se as áreas residenciais da burguesia local.

Verifica-se, em algumas passagens da narrativa, que há distinção nos usos dos espaços internos da cidade, notadamente no que se refere às funções predominantemente exercidas na Cidade Baixa, onde se concentram os armazéns e estabelecimentos comerciais, que estavam diretamente relacionados às atividades do porto, abrigando,

nos andares superiores, as residências de seus proprietários, enquanto que, na Cidade Alta, concentravam-se, além das residências, as construções do poder oficial e a grande maioria dos templos religiosos. Tal agente, aliás, proporcionou o crescimento da cidade para as áreas além da malha urbana, criando novos espaços de ocupação.

A cidade “imaginada” pelo autor aproxima-se muito da cidade real, citada nos textos científicos daqueles que a estudaram no período, possibilitando-nos, através da leveza do estilo romanesco, uma análise dos seus espaços, ainda que, em virtude das diferentes formas de uso e de percepção proporcionada pela narrativa, observe-se o espaço urbano de maneira fragmentada, o que não invalida o esforço que se empreende em tal obra.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela UFBA.

#### REFERÊNCIAS

- BORGES, J. **Um cavalheiro da luz**. Salvador: EGBA, 1999. 287 p.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 136 p.
- PINHEIRO, D. J. F.; SILVA, M. A. da. **A escrita das cidades**. Salvador: UFBA, Mestrado em Geografia, 2001. Texto introdutório à disciplina GEO-783 - O espaço geográfico na literatura.
- SANTOS, M. **O centro da Cidade do Salvador**: estudo da geografia urbana. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.
- VASCONCELOS, P. de A. Salvador: transformações e permanências (1549-1990). In: CHRISTOFOLETTI, A. et al. (Orgs.). **Geografia e meio ambiente no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 97-117.